

"Não me deixem sozinho lá"

ILARA VIOTTI
Da Editoria de Política

Mariano Justino Marcos Terena, 32 anos, é um dos líderes indígenas mais respeitados em todo o País. Inteligente, culto, ele ocupa hoje a Assessoria do Índio do Ministério da Cultura e é presidente da UNIND - União das Nações Indígenas, a entidade que tem centralizado as lutas pela causa do índio no Brasil, raça da qual Terena fala com orgulho.

Mas nem sempre foi assim. Dos nove anos, quando saiu do pequeno posto indígena Taunay, no Mato Grosso do Sul, onde nasceu, para ir estudar em Campo Grande, até os 23 anos, quando recebia aulas de pilotagem de aeronaves na Base Aérea de Natal, ele deixou que as pessoas o chamassem de "japonês". O apelido "pegou" e Terena jamais fez algo para desfazer o equívoco. Chegou a ler sobre a cultura japonesa para sofisticar a omissão. Hoje ele assume que tinha vergonha de ser índio.

Do nome cristão que recebeu pelo batismo, Terena conserva somente o Marcos. Deixou de ser "japonês" quando resolveu vir para Brasília, tentar conseguir apoio da Funai para continuar seus estudos. Queria ser médico. Acabou entrando num curso noturno de Administração de Empresas, que não concluiu. Do seu começo em Brasília, tem lembranças amargas. Índio, pobre, ele foi morar na Casa do Ceará, na Asa Norte, trabalhar como datilógrafo no conjunto Pasteur, na 910 Sul e estudar na Faculdade Católica. "Era difícil ter dinheiro para comer e andar de ônibus", lembra.

Candidato à Câmara pelo PDT, Terena quer, basicamente, a demarcação das terras indígenas. "Sem isto, nós continuaremos nos aculturando, vendo nossa terra ser depredada por interesses econômicos, ficaremos reduzidos a nada". Mas, como constituinte, pretende lutar pela melhoria da qualidade de vida da população rural brasileira. "No mato, tanto quem é índio como quem é branco, se é pobre, sofre".

Consciente de que o poder corrompe, Terena pede aos seus eleitores: "Não me deixem sozinho no Congresso Nacional". Ele acredita que, sem cobrança, o parlamentar tende a esquecer as promessas de palanque, como aconteceu com o cacique Mário Juruna, que "se afastou da causa indígena" depois de eleito.

— Quem é Marcos Terena?

Nasci numa pequena aldeia no Mato Grosso do Sul, próxima ao Pantanal, chamada posto indígena Taunay. Meu primeiro contato com a cultura urbana foi aos nove anos, quando fui para Campo Grande, hoje capital do Estado, para estudar, ter o que se chamava de educação formal, a do branco. Fiz o primário,

o ginásio, e o científico. Quando terminei, tinha poucas chances de continuar os estudos. Eu teria sido médico, mas vi logo que não poderia.

Resolvi entrar para a Aeronáutica, porque lá teria casa, comida, salário e poderia aprender a pilotar aviões. Essa vocação para a aeronáutica, surgiu muito em função da dificuldade que eu sentia, na minha aldeia, de viajar. Só tinha como sair ou entrar nas aldeias, na região do Pantanal, utilizando o avião.

Fui para Natal em 1971, fiquei na FAB até 1976, quando já estava habilitado para começar o curso de pilotagem, que fiz durante um ano. Até aí eu era —

— Você falava para as pessoas que era japonês?

Não. Mas cheguei a ler sobre os japoneses para reforçar minha identificação com eles. Eu me omitia e deixava que pensassem que eu era descendente de japonês. Como não tinha praticamente nenhum sotaque de índio, achavam que eu era japonês.

— E você "vendia" essa imagem de japonês?

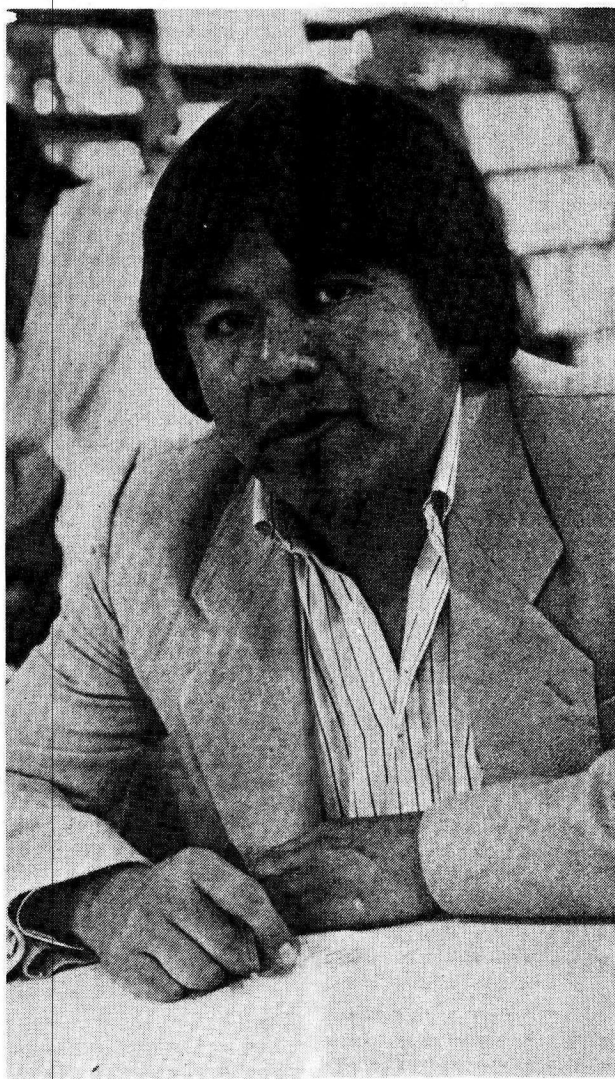
De certa maneira sim. Eu tinha vergonha de ser índio. Essa confusão que as pessoas faziam acabou me ajudando muito. Ajudou, inclusive, a facilitar meu ingresso na Aeronáutica. Só desfiz o "engano" um dia, em 1976, quando um instrutor que estava comigo no avião disse: "Capricha nesse pouso, japonês!". Aquilo ficou ecoando na minha cabeça, eu achei que não tinha o menor sentido continuar enganando as pessoas e a mim mesmo. Falei com meus superiores e eles me aconselharam a vir para Brasília, procurar a Funai.

— E você chegou a Brasília. Como foi seu contato com os índios aqui na Funai?

Assim que eu cheguei fui direto à Funai. E vi que ela tinha duas faces. Uma era a dos índios, que vinham para cá tentar todo tipo de ajuda, muitos doentes, muitos querendo demarcação de terras. E vi o outro lado. O lado da presidência, dos chefes brancos da Funai, muitos deles militares sem nenhuma sensibilidade para com a causa indígena. Havia bons militares, que realmente queriam ajudar sem paternalismo, mas havia outros que não queriam nada com o índio.

Eu fiquei conhecendo também os caciques Juruna, Raoni e Aritana. Eles estavam de fato se movimentando. Tinha aquela coisa do Juruna andar sempre de gravador, aquilo me marcou muito. Comecei a ler. Tomei conhecimento das três leis básicas que regulam a questão indígena no Brasil: A Constituição, a Convenção de Genebra e o Estatuto do Índio.

Quando na Funai comecei a perceber que eu discutia as questões com eles de igual para igual, que eu falava "direito" e tinha consciência de que as leis não eram cumpridas, mas existiam, eu comecei



Terena

a incomodar. O então presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, me propôs a emancipação. Eu disse a ele que não, ele não podia me dar algo que eu já tinha. Eu jamais aceitei a tutela, não poderia aceitar a emancipação.

— Foi aí que você começou a trabalhar pela causa indígena?

Eu comecei um trabalho de conscientização dos índios. Além de mim, havia 13 estudantes universitários índios em Brasília. Criamos a UNIND. Houve tanta pressão que em determinado momento eles, os "donos" da Funai quiseram nos mandar de volta para as nossas aldeias. Alguns voltaram, mas eu fiquei. Eu e mais quatro colegas, que hoje estão todos ocupando posições importantes na luta pela causa indígena.

— Você acha que como constituinte poderá lutar melhor, com mais força pelo índio brasileiro?

Os deputados e senadores normalmente defendem causas próprias, interesses deles ou de grupos ligados a eles. O índio em tudo contraria esses interesses, pois ao índio não interessa a depredação das matas e dos rios brasileiros, não interessa os grandes lucros que a atividade de extração mineral podem trazer empresas, principalmente às multinacionais, não interessa nada disso. Ao índio só interessa, no momento, a demarcação de suas terras. Assim, a minha atividade, enquanto constituinte, estará voltada

sem imposições de qualquer natureza.

— Você tem falado muito em preservação ecológica, é dos poucos candidatos que defendem a natureza. Como você vê a questão ecológica no Brasil?

Acho que a preservação da natureza é fundamental, não só para o índio, mas para o ser humano de modo geral. O índio cuida da terra, não polui. O branco sabe que é preciso preservar, mas parece que não tem consciência de que a preservação deve ser uma atividade cotidiana, consciente.

— Você tem falado muito em preservação ecológica, é dos poucos candidatos que defendem a natureza. Como você vê a questão ecológica no Brasil?

Acho que a preservação da natureza é fundamental, não só para o índio, mas para o ser humano de modo geral. O índio cuida da terra, não polui. O branco sabe que é preciso preservar, mas parece que não tem consciência de que a preservação deve ser uma atividade cotidiana, consciente. Para o branco não parece ser importante preservar os rios, as matas.

Minha preocupação com a ecologia é uma preocupação com a própria sobrevivência da espécie. As terras dos índios têm muita riqueza. Se a depredação continua, nós não teremos como sobreviver. O que o branco não entende, é que não haverá sobrevivência nem para o branco, nem para o índio, para ninguém.

— Muita gente diz que, se eleito, você será o primeiro índio no Congresso, pois o cacique Juruna trau a causa indígena. Você concorda com isso?

O Juruna tem um papel muito importante na luta indígena. Ele foi pioneiro nisso, e este é um mérito que ninguém pode tirar dele. Ele virou um símbolo quando começou a andar pelos gabinetes com gravador em punho, o Brasil inteiro olhou para o índio. Juruna foi o primeiro a enfrentar o esquema militar da Funai, isso foi importantíssimo para o índio brasileiro.

O que aconteceu com ele é que se deixou levar pelas mordomias do Congresso Nacional, pela corrupção do poder. Não acho que ele tenha traído a causa, mas se afastou dela, atraído pelo esquema monstruoso do poder. Mas até por isto ele tem seu mérito. Servirá de exemplo para outros índios, que, chegando ao Congresso, não serão imediatamente aliciados como ele foi.

É por isso que eu peço sempre aos meus companheiros: não me deixem sozinho lá. Se eu for eleito, quero estar sendo cobrado a cada instante, tenho que ser cobrado por quem me elegeu. Juruna chegou em Brasília como eu cheguei. Pobre, índio, tutelado, desconsiderado. De repente, calu num mundo de opulência, mordomia, conchavo. Ele se afastou da causa, mas eu não chegaria ao extremo de dizer que a trau.

para essa questão, a das terras indígenas. E uma questão de sobrevivência.

— Será possível conciliar a exploração econômica com a sobrevivência do índio?

Não há como resistir culturalmente ao branco. Somos 200 mil índios apenas, enquanto há 130 milhões de não-índios no Brasil. E comum vermos índios que gostam do Roberto Carlos, do Chitãozinho e Chororó, do Michael Jackson. A rádio Nacional da Amazônia é ouvida em praticamente todas as aldeias na região. Isto leva o índio a se perder do seu próprio processo cultural, sem que ele tenha consciência do que está acontecendo.

Na década de 70, os Krenakoror pararam de ter filhos. Não queriam mais ter filhos, de uma certa maneira perceberam que não teriam futuro e acharam melhor não continuar a raça. Eles perceberam que não há como resistir ao poder de depredação do homem branco.

— Qual é a saída para o índio, então?

É dar a oportunidade ao índio para que ele tenha somente as influências que desejar. Se ele tiver suas terras livres da exploração econômica tradicional do branco, poderá decidir quais os caminhos para a integração. Se não tiver ninguém dentro da casa do índio para dizer do que ele deve gostar, como ele deve se vestir, ele retomará sua cultura e a integração com o branco se dará nos moldes em que ele desejar.